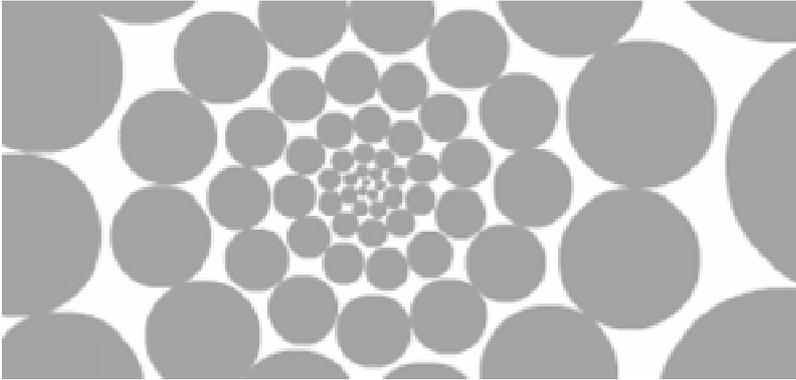


SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO : AÇÃO E DOMINAÇÃO.



Abstract

The central question in this paper is understand the new social forms of interaction in the society of information . The objective is to comprehend and establish an analytical line of thinking that can orient the comprehension about the new forms of numerical space constitution. The language of the net is metaphorical and the question is what does the information really means. The knowledge is quickly transferred through the fluxes, and is transforming people and processes bringing action possibilities. They constitute techniques that can expand the capacity of society to conquest freedom and interrupt domination relations, or they can work exactly as the contrary serving as domination instruments.

A troca na sociedade da informação

Na sociedade da informação vamos encontrar novas relações que conduzem à novas formas de constituir formações espaciais. As novas formas da comunicação numérica conduzem para a alteração da interação social e, portanto, da constituição do espaço. É uma rede digital que se sobrepõem a cidade industrial. Não se trata de um novo corpo ,que se separa do anterior. O ciberespaço é um resultado da sociedade industrial que o precede, ele é o seu desdobramento. Não se trata, portanto, de opor mundo real e mundo virtual, importa reconhecer os elementos que constituem sua totalidade.

Na sociedade industrial o espaço urbano aparece como o lugar onde se realizam as trocas. A vontade de ser e ter, é o movimento ininterrupto dos homens que realiza o sonho de viver. Condições objetivas e subjetivas que

preenchem o vácuo da existência humana. Todo mundo gosta de ter, sendo que muitas vezes se confunde o ser com o ter A vida é produto da troca mais profunda que possa existir entre dois seres humanos (Baudrillard, 1999). O amor é a troca mais viva da existência humana. Em todas as culturas vamos encontrar diferentes representações que indicam a importância da troca no exercício da vida. Podemos pensar que existem diferentes esferas e escalas analíticas onde se representam diferentes formas de compreensão, expressão e realização das trocas.

A complexidade do processo social amplia as condições de realização das trocas. O espaço urbano é um meio que pela localização permite o encontro bem como a realização dos fluxos e trocas . As novas tecnologias da comunicação fazem da troca um processo que se realiza instantaneamente e coloca em contato direto, sem intermediação, os

sujeitos da mesma. Trata-se de uma técnica que permite a comunicação através da imagem. Amplia as possibilidades de troca, em todas as esferas da vida, objetivas e subjetivas.

Viver é trocar, conhecimentos, objetos e afetos, para o exercício de uma ação em direção ao bem estar individual e coletivo. Todos gostam de trocar, a navegação na rede autonomiza a troca e amplia a ação do sujeito social, eliminando intermediações. A vida cotidiana na cidade é essa capacidade de ampliar as trocas, estar na rede é percorrer os múltiplos caminhos que permitem ampliar a nossa capacidade de pensar e agir, de forma que possamos incluir ou excluir o outro. Viver é trocar. N o cotidiano se troca ininterruptamente: na família, no trabalho, na cidade, os percursos estão associados a nossa capacidade de compreender o momento, perceber o espaço e produzir uma ação.

Tamara Tania Cohen Egler

Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional - IPPUR
Universidade Federal do Rio de Janeiro- UFRJ
Brasil
tamaraegler@uol.com.br

A questão central é reconhecer analiticamente a natureza das trocas, por isso podemos fazer as seguintes perguntas: Como e para quem essa relação se realiza? Quem estabelece o domínio sobre a mesma? Qual é a natureza deste coletivo? Quem domina a troca?

A individualização da ação.

Na sociedade da informação vamos observar uma alteração das possibilidades de formação dos espaços coletivos. A ação pode ser de natureza coletiva e individual. As estruturas hierárquicas se organizam como uma superfície cônica onde no topo vamos encontrar aqueles que exercem a dominação sobre a totalidade. Criar estruturas de dominação que obrigam o outro a agir em benefício de si próprio, é a forma como se realiza as estratégias de expropriação ao longo da história civilizatória. Ela acontece em todas as escalas e esferas: na fábrica, na instituição, nos partidos políticos, nos sindicatos, nas comunidades, famílias e casais. Nas diferentes formações sociais e culturais. (Bobbio, 1979, Giddens, 1998)

Decidir é a possibilidade de escolher por uma ação. Ela resulta do conhecimento que se tem do objeto. Na sociedade moderna a decisão se realiza de forma hierárquica, e esta ancorada na apropriação do conhecimento. Senhores e escravos, é bem conhecidas as análises que Freud realizou dessas relações de natureza subjetiva. Sujeitos e objetos, podem ser suas expressões a nível social. O exercício da dominação é analisado na literatura, como uma relação de natureza política, é uma relação social de opressão, que se realiza em todos os domínios da vida cotidiana. Elas acontecem em todos os domínios da vida social, desde as clássicas formas de dominação do trabalho, do Estado, das instituições, até o mais simples gesto na vida cotidiana.

A relação social é feita de representações de natureza simbólica que expressam formas de dominação

que se realizam através de códigos próprios a cada formação social. Trata-se de uma linguagem que perpassa objetos e gestos e que se formam na história cultural das nações e que, como torna claro Baudrillard, (1999) cumprem função social de prestígio. A propriedade dos objetos e a expressão de processos referem-se a sentidos de pertencimento ou exclusão de classe social.

Assim como se fazem senhores e escravos, trabalhadores e capitalistas, governantes e governados, professores e estudantes, médicos e pacientes, homens e mulheres. A dominação é impeditiva da ação, é um aprisionamento de um, em direção ao desejo do outro. Vale para todos os pares.

Tirar do Outro o seu próprio desígnio, no sentido de fazer prevalecer algo que lhe é estranho (Ferraz, 1999). Cada sujeito deve ser senhor de sua própria vontade. Os sujeitos são socialmente formados, o desejo não é uma condição individual. Ele é socialmente definido através do inconsciente e da vontade coletiva. (Bourdieu, 1999), que se manifesta na esfera da cultura. O inconsciente coletivo é essa somatória de objetos e referentes simbólicos, que fazem a cultura de uma nação, quando se estabelece uma linguagem socialmente reconhecida que decodifica símbolos, e produz sentidos de dominação ou de compartilhamento.

Ação e dominação

Nessa direção podemos percorrer as diferentes estruturas político social e iremos encontrar formas distintas do processo. Para cada momento histórico, uma forma específica de dominação. Roubar ao outro sua crença, seu trabalho, sua vontade é uma história sem fim. Que faz homens escravizarem outros homens, em diferentes estruturas de dominação econômica, política e social.

A violência é filha desse movimento que oprime e obriga ao exercício de uma vontade que não lhe é própria. Roubar,

usurpar, trair, enganar, são formas de violência onde um retira do outro através da força, e nas formas mais perversas das armas. O direito de exercer o seu desígnio e de ter conhecimentos, meios e objetos. Ela é filha da dominação. Ela pode ser resultante de uma ação física ou simbólica. É possível ferir por vários meios, quer seja através de agressões físicas ou psíquicas. O essencial é que se retira do Outro a possibilidade da ação, aprisiona à um lugar, físico ou mental que submete a uma vontade alheia.

A democracia é exatamente essa tentativa de fazer valer uma ação originária da vontade expressa pela maioria. Vamos reter o essencial em termos teóricos, da organização social democrática. Trata-se de uma forma de governo que se organiza de forma a contemplar a vontade coletiva. O comando do processo é de natureza discursiva associada ao lugar em que cada líder ocupa nas representações simbólicas. Mais uma vez, é uma ação social dada por uma relação de dominação. A capacidade que a liderança tem por indicar um objetivo de ação conduz o processo de tomada de decisão. Trata-se de um sistema que valoriza a decisão individual, lida em benefício da vontade coletiva. A ação coletiva é realizada por sujeitos que tem um conjunto de conhecimentos, que respondem por um sistema de saberes científicos e subjetivos de sentimentos e emoção que são próprias ao sujeito e intransferíveis.

A nova base técnica dada por uma nova possibilidade de realizar os fluxos de informação, se constitui em uma nova possibilidade de organizar a ação individual e coletiva. Os efeitos são bem amplos, estamos diante de novas técnicas de natureza numérica, que transformam a ordem econômica, política e social. No lugar de estruturas hierarquizadas, vamos encontrar possibilidades de realizar os fluxos de informação através de estruturas horizontalizadas, onde todos falam com todos. Amplia as possibilidades de co-

municar a ação. Comunicação é exatamente esse sentido, colocar em comum a ação(Santos, 1996). Colocar em comum é colocar lado a lado, em estruturas horizontais em forma de rede. Internet, quer dizer a rede por dentro, uma metáfora que indica na sua representação, os elementos centrais do processo de organização da sociedade da informação.

Conectados em rede é fazer parte das novas formas de organização. Que permitem comunicação imediata entre todos aqueles que participam da rede, quer seja de uma unidade singular, plural, ou global. A possibilidade de estabelecer fluxos de interação que permitem a comunicação imediata permitem novas formas de realização das trocas, que por sua base técnica ,são mais interativas. Altera-se a relação de dominação onde a estrutura centralmente organizada pode ser substituída por uma outra, autônoma e comunicativamente organizada (Habermas, 1988). A horizontalidade da base técnica se constitui em um instrumento da ação política que permite novas formas de constituição do coletivo. O essencial é que no lugar de formas de dominar a ação podemos encontrar formas de compartilhar a ação.

A natureza técnica, não conduz necessariamente a ação social. Depende sobretudo de um espaço de interação que é de natureza ética. Estamos diante de múltiplos componentes da ação que constroem as formas do processo social. Essas considerações permitem uma análise onde as NTIC se constituem em uma nova base técnica, que por sua natureza avança no sentido de ampliar a participação dos membros de um coletivo, nos sistemas de decisão.

A questão posta, esta além das novas tecnologias que podem se constituir em uma nova base técnica passível de ser utilizada tanto para o exercício da vida como o da morte. Na história da humanidade e na vida cotidiana , vamos observar práticas sociais de

construção e de destruição. Em todas as instâncias da vida social, e em todas suas escalas, podemos ler ações que orientam relações de emancipação e outras que orientam o exercício da dominação.

As novas tecnologias se constituem em meios técnicos que alteram o exercício da dominação e da libertação. Trata-se de ferramentas que podem, por um lado, potencializar o exercício da vida inteligente e, por outro lado, ampliar as possibilidades de controle e aprisionamento. Depende da forma como são utilizadas pelo sujeito da prática social. Elas poderão se constituir em técnicas que ampliam a capacidade da sociedade de avançar nas suas relações de libertação, ou poderão se constituir em processos de ampliação das formas de controle e de dominação. No sentido de possibilitar uma ação que na sua essência é de natureza ética, definida no inconsciente coletivo.

A invenção da base técnica numérica é uma ferramenta de comunicação que amplia as possibilidades de autonomia da ação e da troca para o exercício de práticas individuais e sociais. O fundamento das novas formas de comunicação digital é a substituição de uma estrutura de trocas hierarquizadas por uma estrutura horizontalizada. O que transforma as estruturas de organização das práticas sociais, no sentido de ampliar as trocas de objetos, conhecimentos e sentimentos, entre aqueles que participam desse novo mundo.

Observamos então uma individualização da ação, no sentido de que se o sujeito esta conectado a um computador e uma linha telefônica, ele poderá se conectar, ou melhor trocar, com uma infinidade de instituições, empresas, comunidades e outros sujeitos, que na ação de comunicar realizam uma troca. O equilíbrio da mesma esta associado ao fundamento do colocar em comum e compartilhar o usufruto desse troca. No novo mundo é preciso lutar por uma ética da troca

igualitária.

Como foi possível analisar a questão posta é de natureza ética, trata-se de estar atento e observar como a ação social no ciberespaço, pode se realizar através de uma base técnica de natureza numérica que disponibiliza um acervo de conhecimentos, que se constituem em fundamentos para o exercício da ação. Poderá ser utilizada para o exercício da liberdade ou da dominação, no sentido de mobilizar ou imobilizar o movimento da vida.

Bibliografia

BAUDRILLARD, Jean – Para uma crítica da economia política do signo, Rio de Janeiro, Effos, 1985.

BOURDIEU, Pierre - O poder simbólico, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1998.

BOBBIO, Norberto- Existe uma doutrina marxista do estado, in O Marxismo e o Estado, Graal, Rio de Janeiro, 1979

FERRAZ, Sônia Maria- A favela como lugar da operação Rio, Tese de doutoramento ECO/UFRJ, 1999.

HABERMAS, Jurken- A nova transparência: a crise do estado do bem estar social e o esgotamento das energias utópicas. São Paulo, Novos estudos Cebrap, nº18, 1988.

GIDDENS, Anthony- A transformação da intimidade, São Paulo, Editora da UNESP, 1993.

Santos, Milton ,Técnica, espaço e tempo. Globalização e meio técnico científico informacional. Editora afillhada,1994.